

A
GRANDEZA
do
GÓLGOTA

Primeiro Volume da TRILOGIA DO TRIUNFO



Neil M. Fraser

A
GRANDEZA
do
GÓLGOTA

Neil M. Fraser

A Verdade
Porto Alegre
2012

Traduzido do original em inglês: *The Grandeur of Golgotha*
Publicado originalmente pela Gospel Folio Press, Port Colborne,
Canadá

Primeira edição brasileira 2012

Traduzido por Adriana Querino

Passagens da Escritura segundo a versão Almeida Revista e Corrigida.
Tradução de João Ferreira de Almeida - 4ª Edição Revista e Corrigida ®
Copyright © 2009 Sociedade Bíblica do Brasil
Todos os direitos reservados.
Texto utilizado com autorização.
www.sbb.org.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G786 A Grandeza do Gólgota / organizado por Samuel
Crawford Brown. – Porto Alegre : Verdade, 2012.
112 p. ; 14 x 22cm

ISBN 978-85-640-0605-8

1. Religião. I. Brown, Samuel Crawford. II. Título.

CDU 2

Bibliotecária responsável: Lueci Silveira CRB/10-2023

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos
reservados para os países de língua portuguesa por:
A Verdade, Porto Alegre, RS, Brasil


Editora Verdade
www.editoraverdade.com.br

Sumário

Prefácio do Editor.....	5
1. O Manifesto Divino da Cruz.....	9
2. O Significado da Cruz.....	15
3. Os Milagres da Cruz.....	23
4. Os Clamores da Cruz: A Compaixão.....	31
5. Os Clamores da Cruz: A Tragédia.....	43
6. Os Clamores da Cruz: A Vitória.....	55
7. O Magnetismo da Cruz na Terra.....	63
8. A Aclamação da Cruz no Céu.....	69
9. As Ordenanças da Cruz para a Igreja.....	75
10. As Marcas da Cruz no Crente.....	85
11. O Ministério da Cruz Hoje.....	93
12. Os Mensageiros da Cruz.....	99

Prefácio do editor



O que seria de nós se não fosse a cruz de Cristo? A situação é quase horrível demais para ser imaginada. A cruz é a única esperança do homem. Ela nos liberta do poder das trevas e nos abre as portas do céu. É o golpe mortal para o diabo, o segredo da vitória sobre a carne e a sepultura da grande ordem mundial que se opõe a Deus (Gálatas 6:14).

A cruz nos ensina quão incomparável é a misericórdia divina e quão horrendo é o pecado. É a manifestação suprema do amor de Deus por nós e, ao mesmo tempo, a revelação da crueldade totalmente injustificada sofrida por Cristo. No Calvário, o céu e o inferno se enfrentaram em uma luta cósmica, e o céu foi o vencedor.

Lá, o Senhor Jesus operou *“por si mesmo a purificação dos nossos pecados”* (Hebreus 1:3), *“pela graça de Deus, provou a morte por todos”* nós (Hebreus 2:9) e destruiu *“o que tinha o império da morte”* (Hebreus 2:14). Graças à Sua grande obra salvadora na cruz, nosso Vencedor estabeleceu a base para a redenção (Efésios 1:7), a justificação (Romanos 5:9), a reconciliação (Colossenses 1:20), a santificação (Hebreus 13:12) e a nossa glorificação final.

Neste pequeno e maravilhoso livro, o autor, de forma calorosa e eloquente, presenteia nossos corações com um vasto conjunto de tesouros trazidos do Gólgota. Ele nos mostra quão pobres seríamos, caso o Senhor Jesus não tivesse se tornado pobre por nós. O livro nos dá ainda a oportunidade de refletirmos a respeito

Prefácio

dos sete grandiosos clamores proferidos pelo Salvador e de nos maravilharmos com os seis milagres ocorridos no local. Finalmente, aprendemos que a cruz é essencial à renúncia ao egoísmo, à carne e ao mundo; aos símbolos do batismo e da Ceia do Senhor; à proclamação do evangelho e, ainda, ao ministério de conforto e de fortalecimento na vida do crente.

O Sr. Fraser partiu para estar com o Senhor no dia 6 de janeiro de 1974. Ele nos deixou uma grande obra, que nos conduz novamente ao pé da cruz. Graças a ele, caso sintamos que nosso amor por Cristo não é como deveria ser, se já não é mais da mesma forma como havia sido no princípio, recebemos a oportunidade de redescobrirmos nosso amor por Ele - exatamente onde começamos a amá-Lo - no Calvário.

J. B. NICHOLSON, JR.
Grand Rapids, Michigan, Estados Unidos

Introdução do autor



Cada um de nós deve procurar e descobrir por si mesmo a maravilhosa cruz da qual Isaac Watts escreveu:

*Olhando o lenho crucial,
Em que morreu da glória o Rei
Às honras, vida mundanal
Desprezo eterno votarei.*

Quando começamos a cavar, buscando a cruz como se fosse prata, procurando por ela como um tesouro escondido, descobrimos que a nossa mina é, na verdade, infinitamente mais rica e mais profunda do que imaginávamos. Nossos achados nos revelam os mais puros vasos de ouro.

Somente lamentamos o fato de nossas ferramentas serem tão rudimentares e nossas mãos tão desajeitadas, o que nos impede de carregá-las todas.

Cabe-nos apenas orar para que nossas mãos inábeis não tenham estragado ou desfigurado o tesouro de forma alguma, a fim de que ele ainda possa ser descoberto por outros que, talvez não tendo tempo para procurá-lo, tenham coração para apreciá-lo.

NEIL FRASER M.
Eugene, Oregon
1959

UM



O Manifesto Divino da Cruz

“Desde então, começou Jesus a mostrar aos seus discípulos que convinha ir a Jerusalém, e padecer muito dos anciãos, e dos principais dos sacerdotes, e dos escribas, e ser morto, e ressuscitar ao terceiro dia.”

MATEUS 16:21

O primeiro versículo de Mateus – *“Livro da geração de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão”* - evidencia as duas divisões presentes neste evangelho. Embora o texto faça referência à genealogia contida no primeiro capítulo, ele também atrai a atenção para a oferta do Reino a Israel, feita pelo Filho de Davi e depois para a “oferta” do Filho de Abraão no altar no Calvário. Em vez de seguir a ordem cronológica, as divisões de Mateus mostram a apresentação do Rei (capítulos 1- 4), os princípios do Rei (capítulos 5-7) e os poderes do Rei (capítulos 8-12), seguidos pelas parábolas do Rei (capítulo 13), depois de uma indicação clara, no final do capítulo 12, de que o Rei seria desprezado por seus súditos. O clímax é atingido no capítulo 16, quando *“deixando-os, retirou-se”* (Mateus 16:4). Posteriormente, o Filho de Abraão, de quem Isaque foi um tipo, declara que a Sua morte está-se aproximando.

Embora os poderes do Rei tenham-se perpetuado, e a multidão clamasse *“Hosana ao Filho de Davi”* (Mateus 21:9), Suas outras parábolas mostram Israel sendo posto de lado e a herança sendo dada a outros povos.

Capítulo 1

As profecias do Reino se encontram nos capítulos 24-25, onde se observa que o Rei está prestes a partir. Ele retornará em glória, à recompensa daqueles que são Seus e em vingança contra aqueles que não queriam que Ele reinasse sobre eles.

Sua morte ainda é a paixão do Rei (capítulos 26-27): *“Este é Jesus, o Rei dos Judeus”* (Mateus 27:37), mas o escritor instruído acerca do reino dos céus pode perceber que a Sua morte foi um holocausto oferecido sobre uma das montanhas que Deus havia mencionado a Abraão (Gênesis 22:2).

Do seu tesouro o escriba traz coisas novas e velhas – a apresentação do Filho de Davi, dando lugar à oferta de sacrifício mais antiga do Filho de Abraão (Mateus 13:52). É no início da segunda divisão que se menciona pela primeira vez a Igreja e a cruz.

A APROXIMAÇÃO DA CRUZ

“E, chegando Jesus às partes de Cesaréia de Filipe, interrogou os seus discípulos, dizendo: Quem dizem os homens ser o Filho do homem?”
(Mateus 16:13)

É na costa de Cesaréia de Filipe, que acontecem estes anúncios divinos. O próprio nome e a localização revelam a subjugação da região aos gentios, com César e Herodes partilhando as honras. Distante da Judeia, o centro de Israel, e entre as ruínas da idolatria, em um dos pontos mais ao norte da Sua missão, nosso Senhor proclama a edificação de Sua Igreja e a morte da Cruz, através da qual a Noiva de Cristo deve ser formada. Entre as nações, Ele escolheria um povo para o Seu Nome. Aqueles que estavam nas trevas iriam agora desfrutar da luz de um amor proclamado na oferta do Filho de Abraão.

“E vós, quem dizeis que eu sou?” (Mateus 16:15) Os fiéis amigos de Jesus não Lhe contariam as piores coisas ditas a Seu respeito, mas, sim, as melhores - o que só provou que a multidão realmente não O conhecia. Alguns diziam que ele era João Batista, por possuir a mesma coragem e a mesma franqueza do seu precursor. Outros diziam que Ele era Elias, por apresentar a austeridade de João Batista, associada à realização de poderosos milagres. Alguns afirmavam que Ele era Jeremias, associando-o às tristezas e às lágrimas do Senhor. Outros, no entanto, eram mais vagos e

supunham simplesmente que Ele era um dos profetas. Mas todos tinham uma opinião em comum, que Ele era Alguém antigo. Eles acreditavam na ressurreição.

Mas Jesus insistiu em ouvir um testemunho emitido por algum dos seus discípulos. Ele já não se interessava mais pela opinião da nação. Os Seus seriam aqueles a quem Ele amaria até o fim. Pedro, falando por si e, sem dúvida, por todos eles (com exceção de Judas), disse: *“Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo”*.

Sobre este fundamento, a Igreja é construída e, quem quer que faça tal confissão, será parte dessa Igreja. Cada pedra viva que é usada em sua construção fez essa boa confissão, como 1 Timóteo 6:12 nos assegura. *“Qualquer que confessar que Jesus é o Filho de Deus, Deus está nele, e ele em Deus.”* (1 João 4:15)

“Desde então”, Jesus começou a informar a respeito da sua morte iminente. Assim que a Igreja foi anunciada, aquele sobre a qual ela é construída deveria ser igualmente proclamado. Quando temos a declaração divina de que não era bom para Adão que ficasse sozinho - que uma auxiliadora seria apropriada para ele, então, nós vemos a operação divina, o sono profundo de Adão. A partir de um osso, Deus fez (construiu) uma mulher. A apresentação divina acontece em seguida, quando o Senhor Deus a trouxe para o homem.

A Igreja, a Noiva de Cristo, só pode ter surgido a partir da morte da cruz, a partir das feridas profundas do seu Senhor. Ela era destinada a ser osso de Seus ossos, carne de Sua carne. Não era justo que este Homem devesse estar sozinho na eternidade. A apresentação viria no dia em que Ele apresentaria a Si mesmo uma Igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, ou algo semelhante. Todos os detalhes de Gênesis 2 são abordados em Efésios 5.

A ANGÚSTIA DA CRUZ

“Senhor, tem compaixão de ti; de modo nenhum te acontecerá isso.”

A angústia de nosso Senhor a respeito da cruz fica clara em Suas declarações desde o princípio. A sombra da cruz sempre esteve diante Dele. Seu conhecimento da Palavra profética e dos sacrifícios oferecidos diariamente sobre o altar foram lembretes agudos e eloquentes de sua morte iminente.

É impressionante que, inicialmente, essas afirmações

Capítulo 1

foram feitas, não para Seus próprios discípulos, mas para Seus adversários. Mas é a partir do reconhecimento de Sua Messianidade pelos discípulos, que Ele começou a mostrar-lhes o significado mais profundo de Sua morte. Desse momento em diante, haveria uma ênfase cada vez maior, uma crescente consciência do seu significado, até a noite em que foi traído. Então Ele lhes daria o pão e o cálice, símbolos do Seu corpo e do Seu sangue derramado para a remissão dos pecados. A morte iminente do Filho de Davi era uma coisa; a oferta voluntária do Filho de Abraão era outra, a ser declarada pela confissão da fé dos próprios discípulos de Cristo.

Pedro, no entanto, não entendeu inicialmente o significado da cruz. Ele, que pouco tempo antes havia falado por inspiração de Deus, agora falava por inspiração de Satanás. *“Senhor, tem compaixão de ti; de modo nenhum te acontecerá isso. Ele, porém, voltando-se, disse a Pedro: Para trás de mim, Satanás.”* (Mateus 16:22-23)

O Espírito de Deus colocou as duas declarações de Pedro na mesma página das Escrituras, para que pudéssemos perceber quão mal a Igreja teria sido construída se tivesse dependido de Pedro para a sua fundação. Não foi sobre o *petros* de Pedro, mas sobre a *petra* de sua confissão, a Rocha, Cristo Jesus, que a Igreja foi construída. Pedro foi como uma pedra no caminho de Cristo, uma cilada (*skandalon*) de Satanás para afastá-Lo desse propósito.

“Diga-me o que Jesus disse a São Pedro, conforme está escrito em São Mateus, capítulo 16”, perguntou um católico a alguém que desafiou a afirmação de um padre. Ele ficou admirado com a resposta. *“Para trás de mim, Satanás, que me serves de escândalo; porque não compreendes as coisas que são de Deus, mas só as que são dos homens.”*

Mas Pedro aprendeu a sua lição, os sofrimentos de Cristo se tornaram um assunto frequente e enfaticamente relatado por ele. É interessante observar a diferença de destaque que ele dá à cruz em cada um dos capítulos de sua primeira epístola.

Em 1 Pedro 1, esses sofrimentos são essenciais às Escrituras, ao dar, de antemão, testemunho sobre os sofrimentos referentes a Cristo e sobre as glórias que os seguiriam. Pedro descobriu que não poderia haver outra interpretação desses trechos proféticos.

1 Pedro 2 nos revela que esses sofrimentos são importantes para os servos, pois os impelem a seguir os passos de Cristo, que, quando O injuriavam, não injuriava e quando padecia,

não ameaçava. Nosso Senhor, portanto, não sofreu apenas para proteger-nos do sofrimento eterno, mas também para mostrar-nos como enfrentar os sofrimentos nesta vida.

Em 1 Pedro 3, aprendemos que os sofrimentos de Cristo são necessários para que pecadores sejam conduzidos a Deus, convertendo-os de inimigos a amigos, de injustos a justos.

Em 1 Pedro 4, os sofrimentos de nosso Senhor são uma necessidade para todos os que padecem, especialmente aqueles que sofrem por amor a Cristo, para que entendam o significado do sofrimento. Eles participam de Suas aflições, as adversidades que caíram sobre Ele agora se abatem sobre eles.

Em 1 Pedro 5, esses sofrimentos são essenciais para os pastores que cuidam das ovelhas de Cristo. Pedro baseia sua exortação no fato de ter sido um ancião, uma testemunha dos sofrimentos de Cristo e participante da Sua glória vindoura. Pastores conduzem melhor suas ovelhas, seguindo o Supremo Pastor, que recompensa todo o esforço desse tipo com uma coroa de glória.

Assim, o apóstolo amado recebe a mensagem da cruz e compreende o real sentido do sofrimento em todos os contextos da vida: no cumprimento das escrituras proféticas; em resolver o problema dos nossos pecados; para nos permitir alegrar em nossas aflições; na exposição dos sofrimentos de um pastor a suas ovelhas - todo esse conhecimento divino foi obtido por Pedro por meio da mensagem da cruz do Salvador.

A PRÁTICA DA CRUZ

“Se alguém quiser vir após mim, renuncie-se a si mesmo, tome sobre si a sua cruz, e siga-me; porque aquele que quiser salvar a sua vida, perdê-la-á, e quem perder a sua vida por amor de mim, achá-la-á.”

(Mateus 16:24-25)

Junto com o anúncio da Sua cruz está o anúncio da nossa. A cruz tem de ser posta em prática; tem de ser carregada.

“E, quando O iam levando, tomaram um certo Simão, Cireneu, que vinha do campo, e puseram-lhe a cruz às costas, para que a levasse após Jesus.” (Lucas 23:26)

“...a quem constrangeram a levar a Sua cruz.” (Mateus 27:32)
Abençoado constrangimento!

Capítulo 1

Charles Simeon foi um professor universitário que sofreu muita perseguição e zombaria. Era muito usual nas universidades inglesas da época, como é ainda hoje, tratar com extremo desprezo os estudiosos da Bíblia. Em uma ocasião, extremamente pressionado por seus adversários, ele procurou a solidão dos bosques e clamou a Deus que lhe mostrasse uma parte do livro que eles tão entusiasticamente desprezavam. Abrindo seu Novo Testamento escrito em grego, seus olhos encontraram imediatamente as palavras sobre Simão, o cireneu. O texto tinha uma relevância surpreendente, por causa de seu próprio nome. Foi então que, naquele momento e lugar, ele rogou a Deus que colocasse a cruz sobre ele novamente, para que, daquele momento em diante, estivesse vinculado à “aflição como uma coroa de flores ao pescoço”.

Embora, em última instância, o ato de carregar a cruz seja um ato voluntário, ele requer esforço e sofrimento, os quais poderíamos evitar, mas nós aceitamos por causa de Cristo. Não são realmente as aflições que nos surpreendem, mas, sim, aquelas que nós assumimos como o cumprimento da morte do Mestre, do qual ele falou no santo monte (confira Lucas 9).

Podemos tentar salvar nossa vida, afastando-nos dos problemas e evitando investir tempo e dinheiro em ações ligadas à Sua causa, para depois percebermos que perdemos nossa vida. Ou podemos perder nossa vida aos olhos dos homens, mas, na verdade, descobrir que investimos no melhor de todos os interesses. Nosso bendito Senhor pode não nos obrigar a levar a cruz, mas, caso Ele o faça, encontraremos a mesma alegria que encontrou Charles Simeon há muito tempo.

“Mas longe esteja de mim gloriar-me, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim e eu para o mundo.” (Gálatas 6:14)

 **que seria de nós se não fosse a cruz de Cristo? Ela é a nossa única esperança. No Calvário, o céu e o inferno se confrontaram em uma luta cósmica e o céu foi o vencedor.**

No livro A Grandeza do Gólgota, o autor presenteia nossos corações com um vasto conjunto de tesouros trazidos da cruz de Cristo. Somos agraciados por:

- os seis milagres que aconteceram na cruz;
- os sete grandiosos clamores proferidos pelo Salvador;
- o segredo da renúncia ao egoísmo, à carne e ao mundo;
- as ordenanças da cruz - o batismo e a Ceia do Senhor;
- o papel primordial da cruz na proclamação do evangelho;
- o reconforto e o fortalecimento do ministério na vida do crente.

Caso sintamos que nosso amor por Cristo já não seja mais como deveria ser, o autor nos dá oportunidade de redescobri-lo, exatamente onde começamos a amá-Lo - no Calvário.

Neil McCormick Fraser nasceu, e nasceu de novo na Escócia mas passou a maior parte do seu tempo nos Estados Unidos. Treinado para o mar, ele ouviu o chamado de Deus para servir de tempo integral no ministério da Palavra de Deus. Ele era uma figura familiar nas plataformas de conferências Bíblicas pela América do Norte. O autor também passou um tempo considerável em Granada, Trinidad e Tobago e contribuiu regularmente para revistas cristãs na América do Norte e Europa.
